

## Cultos de Mistério na Antiguidade: Um olhar sobre os cultos secretos de Deméter e Isis.

João Marcos Alves Marques\*

Marilia da Rocha Marques\*\*

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo analisar dois cultos de mistérios bastante significativos na antiguidade, no caso os cultos de mistério a deusa Deméter e a deusa Isis, esses cultos se configuravam como cerimônias secretas nas quais os fieis buscavam travar um contato mais profundo com a divindade cultuada, nesse sentido será exposto as principais características desses cultos e como ambos guardam elementos similares entre si.

**Palavras-chave:** Cultos de mistérios; Antiguidade; Deméter; Isis.

**Abstract:** This article aims to analyze two cults of very significant mysteries in antiquity, in the case mystery cults to the goddess Demeter and the goddess Isis, these cults were configured as secret ceremonies in which the faithful sought to catch a deeper contact with divinity worshiped in this regard will be exposed the main features of these services and how both keep similar items together.

**Keywords:** Cults of mysteries; Antique; Demeter; Isis.

Recebido em 14/12/2014

Aceito em 10/03/2015

---

\* Discente do Mestrado Acadêmico em História (MAHIS-UECE), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: alves.marcosmarques99@gmail.com

\*\* Discente do Mestrado Acadêmico em História (MAHIS-UECE), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: mari-mabs@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa em história antiga no panorama historiográfico cearense se constituiu, primeiramente em um desafio, pois as pesquisas aqui realizadas, em sua maioria, eram de caráter local e não existia ou talvez nunca tivesse sido aberto espaço para os estudos relacionados à antiguidade no Ceará. Mas, aos poucos, percebemos que esses estudos poderiam ter voz e as discussões começaram a ser feitas. Através da literatura e de discursos produzidos que foram preservados e traduzidos no decorrer do tempo, as fontes históricas do mundo antigo nos chegaram mostrando que é possível seus estudos. Como qualquer fonte histórica, é necessário se utilizar de cuidados teóricos e metodológicos, e que a partir disso há tantas possibilidades como qualquer outro trabalho. Os estudos da Antiguidade no Brasil ganham cada vez mais espaço e diversos encontros e debates acontecem com produções dos mais variados períodos e espaços.

Diante disso, surge o Grupo de Pesquisa em Cultura Escrita na Antiguidade e Idade Média – ARCHEA, orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sílvia Márcia Alves Siqueira e o Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso, que nos possibilitou entrar nos estudos das sociedades antigas, permitindo assim, desenvolver pesquisas relacionadas ao mundo antigo, trabalhando com fontes como a literatura, imagens, mas, principalmente, enfocando a cultura escrita como base para nossas pesquisas. Além da cultura escrita, outras perspectivas se inserem em nossas metodologias, a fim de se trabalhar mais amplamente com as fontes históricas. É o caso da memória, que principalmente para o mundo grego, traz uma dimensão mais ampla acerca das compreensões dos documentos que podem ser trabalhados, pois, a sociedade grega desenvolveu-se através de uma tradição oral que a princípio permeou os valores de toda a sociedade e contribuiu para a formação da identidade coletiva.

Segundo Guarinello, a memória “é a grande fundadora e legitimadora das identidades, porque é ela que define quais são as mais importantes, quais não são fluidas e passageiras, quais são aquelas que adquirimos de nascença, como herança de nossos ancestrais”<sup>1</sup>. No mundo grego, a oralidade, principalmente na questão da poesia está relacionada com a memória que tem então a função de demarcar esta tradição oral, visto que o canto não estava relacionado a nada profético, mas era feito por uma tradição de memorização que foi se estendendo no tempo, tanto que com a fixação e o maior uso da escrita, a técnica de rememoração passa a

---

<sup>1</sup> GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 9.

competir com o uso do alfabeto e escrita<sup>2</sup>. As composições então são passadas da memória para as letras, mas a memória é peça chave na propagação das epopéias, visto que não podemos pensar a literatura grega sem a oralidade e sem memória, pois, a transição de ‘reconhecimento’ do jogo de memória, o armazenamento feito por ela, para a escrita só se dá quando a escrita efetivamente já está solidificada e se apresenta como uma função mais objetiva de armazenamento, esse artefato visível que poderia preservar sem o auxílio da memória.

Como Vernant<sup>3</sup> afirma, no que concerne a linguagem no mundo grego, a conservação da massa de saberes “tradicionais”, veiculados por certas narrativas, é instituída essencialmente de duas maneiras: mediante uma tradição puramente oral e pela voz dos poetas.

Essa tradição oral era exercida de boca a boca, nos lares, se ouvia desde criança, ao longo do tempo que se aprendia a falar, e “contribuía para moldar o quadro mental em que os gregos são muito naturalmente levados a imaginar o divino, a situá-lo, a pensá-lo”, assim como por meio dos poetas que cantavam nos espaços públicos, e que em suas narrativas enunciavam o mundo divino, acompanhados por instrumentos, dança, ou outros meios de auxílio à fácil memorização. Esses espaços públicos onde se passavam festivais, jogos, banquetes, festas, tornavam-se verdadeiros palcos de uma atuação que incitava a memória e promovia toda uma dinâmica social. Vernant sabiamente caracteriza a recepção dessa tradição oral e da poesia por parte dos indivíduos gregos:

Não se trata para os ouvintes, de um simples divertimento pessoal, de um luxo reservado a uma elite erudita, mas de uma verdadeira instituição que serve de memória social, de instrumento de conservação e comunicação do saber, cujo papel é decisivo. É na poesia e pela poesia que se exprimem e se fixam, revestindo uma forma verbal fácil de memorizar, os traços fundamentais que, acima dos particularismos de cada cidade, fundamentam para o conjunto da Hélade uma cultura comum<sup>4</sup>.

Os mitos, poesias, são exemplos de manifestações da sociedade grega, que passaram em sua formação, por um processo que vai desde a memória social, pois foram sendo construídos e adaptados no decorrer do tempo, até a fase da consolidação da escrita. A religião é o pano de fundo que percorre estas narrativas míticas, ilustrando assim todo o imaginário e representações que foram construídos nesse processo contribuindo para a formação de uma identidade coletiva. Inserida nesse contexto, a atividade poética serviu a

<sup>2</sup> HAVELOCK. E. *La Musa aprende a escribir*. Buenos Aires: Ediciones Paidós Ibérica, 1986.

<sup>3</sup> VERNANT, J. P. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Difel, 2011, p. 15.

<sup>4</sup> Idem. 2011, p. 15.

esse “papel de espelho que devolvia ao grupo humano sua própria imagem, permitindo-lhe apreender-se em sua dependência em relação ao sagrado”<sup>5</sup>, colocando para a comunidade a constituição de seus valores, estabelecendo sua identidade própria. Isso permite que o grupo seja fixo em uma tradição e uma cultura se forme e ultrapasse gerações por meio da oralidade. A memória representava a imortalização dos acontecimentos passados de heróis, guerreiros, pois, para um grego, o que os aproximava do divino na questão da imortalidade era a memória, “(...) A memória dos gregos não corresponde de modo algum, aos mesmos fins que a nossa; ela não visa, em absoluto, reconstruir o passado segundo uma perspectiva temporal”<sup>6</sup>, a memória buscava fazer valer os feitos do indivíduo mesmo depois de sua morte, imortalizando assim sua figura, aproximando-o do divino.

E outro importante conceito para se pensar sobre a documentação disponível relativa aos estudos da antiguidade seria o de cultura escrita, que tem como proposta lançar uma reflexão acerca da escrita enfocando não apenas o conteúdo daquilo que está sendo escrito, mas sim reflete-se sobre a historicidade desse texto, ou seja, leva-se em consideração que cada produção dessa natureza passa por uma série de variações as quais, muitas vezes, fogem do controle do autor de determinada obra, como o suporte dessa escrita, as técnicas de sua reprodução e disseminação, bem como os variados modos de leituras e apreensão que essa obra irá possuir.<sup>7</sup>

Sendo assim, a abordagem da cultura escrita visa ampliar a noção de se trabalhar com obras escritas, e apontar que os sentidos dos textos e sua compreensão se relacionam não apenas a um desdobramento automático e impessoal da linguagem, e que na verdade articula-se uma relação em que todas as sociedades delimitam um campo particular de produções textuais e experiências coletivas e que essas criações literárias e intelectuais se inscrevem nos discursos e nas práticas do mundo social que as tornam possíveis e inteligíveis<sup>8</sup>.

Os estudos aqui mostrados fazem parte do conjunto ao qual denominamos de antiguidade clássica, por constituírem o período de formação e destaque para as duas civilizações ocidentais antigas: Grécia e Roma. Como afirma Funari, não é recomendável encarar as periodizações senão como instrumentos analíticos que são úteis para o

<sup>5</sup> VERNANT. Jean Pierre. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006, p. 17.

<sup>6</sup> MORAES, Alexandre S. *O ofício de Homero*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011, p. 91.

<sup>7</sup> CHARTIER. Roger. *Escutar os mortos com os olhos*. Revistas USP. v. 24, n. 69. 2010, p.8

<sup>8</sup> Idem. 2010, p.25 e 26.

conhecimento<sup>9</sup> e o termo clássico é usado para designar a cultura greco-romana nas suas mais variadas manifestações<sup>10</sup>. Diante de nossas pesquisas, com enfoques diferentes, pois a primeira trata mais especificamente de representações de mulheres no mundo grego através do hino homérico à Deméter do poeta Homero, e a segunda traz o estudo de representações de religião romana e da magia na obra *Metamorfoses*, surgiu em nossas conversas a possibilidade de traçarmos um caminho em comum do nosso estudo: em nossas pesquisas há a recorrência da temática dos cultos de mistério, tanto no estudo da deusa Deméter na Grécia, deusa da agricultura, dos cereais, como da deusa Ísis, deusa de origem egípcia que foi amplamente cultuada em solo romano. Os cultos de mistério eram cerimônias de iniciação com um ritual de admissão e participação sobre o iniciante, mas, existiam varias formas de iniciação, o principal objetivo dos cultos era promover uma mudança pessoal, trabalhando a ideia do iniciante e não uma mudança social da comunidade.

## CULTOS DE MISTÉRIO NA ANTIGUIDADE

Como dito acima os cultos de mistério se tratavam de cerimônias iniciáticas, ou seja, exigiam daqueles interessados a participar do culto, a superação de desafios e provas como uma forma de ingressar no grupo de devotos. São cultos de caráter esotérico, de maneira que mantem-se ocultos e reservados. Partes das cerimônias são inacessíveis á aqueles que não alcançaram um grau específico de iniciação, nesse sentido grande parte dos cultos de mistérios não possuía uma dimensão pública e aberta<sup>11</sup>.

A iniciação se configurava como um ritual místico no qual a divindade irá se fazer presente na figura de seus sacerdotes, é válido destacar que de uma forma geral quase todas as divindades detentoras de uma dimensão mística possuíam alguma relação com os temas de morte, vida e renascimento, como é o caso, por exemplo da deusa Isis, que em seu mito conta-se que a mesma após a morte de seu consorte Osíris, vagou pela terra afim de juntar os pedaços do marido morto que havia sido esquartejado por seu irmão Seth, e que em cada local

<sup>9</sup> FUNARI, Pedro Paulo A. *Antiguidade Clássica: a história e cultura a partir dos documentos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 32.

<sup>10</sup> Idem. 2003, p. 31.

<sup>11</sup> ALVAR, J. Cultos orientales y cultos mistericos. In. ALVAR, J. *Cristianismo primitivo y religiones mistericas*. Madrid: Cátedra, 1995, p.479-498.

onde passou foi-se dedicado um altar, sendo assim nota-se que essa divindades partilhavam uma experiência dos sentimentos humanos como dor e perda, mas que foram capazes de superar as adversidades impostas pelo destino, assim como coloca Mircea Eliade<sup>12</sup>:

"Tanto as grandes correntes da religiosidade popular como as sociedades secretas dos mistérios egeo-orientais se cristalizaram em volta das chamadas divindades da vegetação, que são primordialmente divindades dramáticas, responsáveis pelo destino do homem, conhecendo, como ele, as paixões, o sofrimento e a morte. Jamais a divindade se aproximou tanto dos homens. [...] As divindades soteriológicas partilham os sofrimentos desta humanidade, morrem e ressuscitam para resgatá-la. Esta mesma 'sede de concreto' que sempre empurrou para segundo plano as divindades celestes - longínquas, impassíveis, indiferentes ao drama cotidiano - manifesta-se na importância concedida ao filho do deus celeste (Dioniso, Osíris, Alein, etc.). Na maior parte das vezes o filho reclama sua paternidade celeste; todavia, não é essa descendência que justifica o papel capital que ele desempenha na história das religiões, mas a sua 'humanidade', o fato de se ter integrado definitivamente na condição humana, ainda que consiga ultrapassá-la pela ressurreição periódica".

Como colocado acima é possível observar que talvez outro fator de diferenciação e de possível popularidade desses cultos, seria essa experiência com os sentimentos humanos experimentadas pelos deuses, que em suas vivências também sofreram, passaram por momentos de tribulações e provações e alguns até de morte, mas que foram recompensados posteriormente com uma ressurreição e nesse sentido talvez a história da divindade, e sua associação com os dramas de morte e ressurreição possam ter sido encarados como respostas as necessidades práticas do cotidiano, até mesmo de uma possível promessa pós vida. Assim, a existência além-túmulo não aparecia mais ao indivíduo como uma continuação menos brilhante da vida terrestre, mas sim com um momento de redenção de todos os infortúnios aos quais ele poderia ser submetido. Então, o cidadão seja ele grego ou romano, ao integrar um culto, estava proporcionando uma resposta á sua necessidade de sobrepujar a angústia diante da morte<sup>13</sup>.

Uma relação que também pode ser feita tendo em vista os cultos de mistério seria que o rito irá se constituir como uma forma de transição, como sendo uma experiência de

<sup>12</sup> ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

<sup>13</sup> SOARES, H.P. *Os cultos de Ísis e Atargátis no Alto Império Romano: conflito religioso e formação de identidades nas Metamorphoses e De Dea Syria*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2011.

morte e ressurreição fictícia para uma “nova vida”. Ao “morrer”, o iniciado é capaz de deixar sua existência temporal e ganhar acesso ao tempo mítico das divindades. O iniciado é capaz de participar da cosmogonia e se unir com a divindade criadora, e ser designado sua responsabilidade para com a ordem do cosmos<sup>14</sup>. Ao renascer o mesmo volta como uma nova pessoa, uma metamorfose que fez possível para o iniciado entrar em uma nova realidade, onde ele entra em comunhão com a divindade a qual está ligado, uma comunhão que se atesta no mais profundo comprometimento.

Outro elemento característico dos cultos de mistério é a utilização das práticas votivas, que se constituem como um processo no qual o indivíduo estando doente, ou em perigo, ou em qualquer situação de necessidade, ou pelo processo inverso quando alcança alguma forma de ganho ou prosperidade, faz promessas aos deuses e geralmente a cumpre oferecendo doações de maior ou menos vulto. A prática votiva pode ser considerada como uma estratégia humana para enfrentar o futuro, pois, numa situação de crise que o incapacita, o indivíduo pode se erguer para imprimir aquilo que o aflige e através de um ato de fé pedir aos deuses que atuem diretamente naquilo que lhes é pedido. Os objetos votivos, por mais humildes que sejam, constituem a prova de uma fé pessoal num deus em particular, que, em troca, oferece alguma forma de auxílio ou salvação<sup>15</sup>, deve-se ter em mente que a religião votiva tem um caráter bastante experimental, atuando como uma forma suplementar de expressão de devoção religiosa, e não possui uma ideia excludente para com os outros deuses.

Como visto até agora, o contato do homem da antiguidade com o mundo do sobrenatural pode ser atingido de várias formas, e os mistérios se apresentavam como uma opção religiosa, porém nem todas as divindades ofereciam essa dimensão, apenas algumas apontavam para uma experiência mais profunda, como é o caso da deusa Deméter, deusa dos grãos, que possuía um culto bastante simbólico praticado na cidade de Elêusis, como veremos a seguir.

## CULTO DE MISTÉRIO A DEMÉTER

<sup>14</sup> ALVAR. JAIME. *Romanising oriental Gods: myth, salvation, and ethics in the cults of Cybele, Isis, and Mithras*. Boston: Brill, 2008, p.219.

<sup>15</sup> BURKERT, W. *Antigos Cultos de Mistério*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.p.26.

Os Mistérios de Elêusis eram celebrações anuais assim como assinala Heródoto quando afirma que *os eleusinos todos os anos, celebram-na*<sup>16</sup>, em honra à Deméter. Seu caráter era sagrado e secreto, e esse culto de Mistério é um dos mais antigos, datado aproximadamente do século VI a.C. Existe também além das documentações literárias vastas fontes imagéticas, vasos e estelas funerárias dessa época.

O caráter dos cultos de Mistério era de cerimônias de iniciação com a admissão e participação de um indivíduo a um ritual. Walter Burkert descreve com um pouco de detalhes, como seria os cultos à Deméter: a procissão saía de Atenas para Elêusis, culminando numa comemoração noturna no Salão das Iniciações, o *Telesterion*, com capacidade para abrigar milhares de iniciados, onde o hierofante revelava “as coisas sagradas”<sup>17</sup>. Há poucas revelações, quase nenhuma, do que ocorria na iniciação. Sabe-se que os iniciados passavam por uma experiência de quase morte, para ser iniciado no culto aquele que sobrevivesse. Aos iniciados era obrigatória a observação de determinadas práticas, abstenções e rituais de purificação.

Tais cuidados visavam purificar a alma de sua existência corpórea e garantir a convivência harmoniosa dos homens, entre si e com a divindade<sup>18</sup>. Deméter inserida nesse ideal do culto, é a divindade que simboliza a ideia de civilização, de ideal santo, pois agregada ao cereal, a sementeira, representa a fertilidade, a renovação. Acredita-se que a fundação dos mistérios de Elêusis tem profunda ligação com o hino homérico à Deméter. Os hinos homéricos constituem um conjunto de narrativas míticas divididas em 33 hinos dedicados a 22 divindades, mas, estes hinos não eram tão famosos quanto as sagas épicas da *Ilíada* e *Odisséia*, e costumavam ser apresentados em festivais, jogos, espaços e eventos públicos. Interessante destacar também que essas festas, se constituíam como cenário muito importante dentro da *polis* grega, pois sempre celebravam uma divindade, e isto sempre reforçava sua identidade coletiva.

Os hinos então, no geral, significavam colocar o deus na presença do ritual. O poeta então, cantando o hino estabelece a presença da divindade, mediado pelas Musas, fazendo assim o contato direto com o divino. Levando em consideração que os hinos foram compostos de acordo com a longa tradição oral, devem ter seu processo de formação durante várias gerações de poetas. Como os próprios hinos eram cantados em festivais públicos, cultos e festas, provavelmente poderia ser entoado na cerimônia de iniciação, já que o próprio hino é a fonte

<sup>16</sup> HERÓDOTO. *História*, 8,65, Tradução: J. Brito Broca. São Paulo: Ediouro, pág. 384.

<sup>17</sup> BURKERT, Walter. *Antigos Cultos de Mistério*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

<sup>18</sup> VIEIRA, Ivan Neto. *A religião funerária na Grécia Antiga*. In: Alétheia: Revista de estudos sobre Antiguidade e Medievo, Volume 1, Janeiro a Julho de 2010.

que atesta a fundação dos mistérios. No hino o mito retrata o rapto de Perséfone, e quando sua mãe percebe a ausência da filha, sai a vagar pela terra a procurar pela moça, sem saber onde encontrá-la, até que Hélio, o deus sol, informa para Demeter que a sua filha fora levada ao mundo dos inferos por Aidoneu (Hades) sob o consentimento de Zeus, seu pai.

A partir disto, Deméter em fúria sai do Olimpo, e não cumpre mais sua função de deusa, deixando a terra estéril e uma grande fome no mundo. Sob as vestimentas e aparências de uma velha, começa a vagar pela terra em lamento e sofrimento por sua filha raptada. A deusa chega à Elêusis, cidade próxima de Atenas, senta-se em uma pedra, quando as filhas do rei da cidade, Celeu, decidem levá-la até o palácio. Lá, Deméter sem se revelar como deusa, é acolhida pelos reis Celeu e Metanira, e a rainha dá a guarda de seu filho Demofonte para a velha.

Mas Deméter, provavelmente por sentir falta de sua filha, começa a alimentar a criança com ambrosia e coloca-o no fogo, na lareira da casa<sup>19</sup>, nas “sessões de imortalização”. É quando a rainha vê e se assusta, obrigando assim a Deméter se revelar como deusa. Assim, Deméter se transforma abandonando as vestes e a aparência de velha, se enche de luz divina e se apresenta como deusa. Pede a todos os presentes que ali na cidade seja instalado seus cultos e seu templo, e ensina ao filho mais velho de Metanira, Triptólemo, os segredos da agricultura.

Com a ordem do mundo perturbada pela fome e a terra estéril, Zeus pede a Deméter que retorne às suas funções de deusa. Deméter aceita, mas com a condição de que sua filha retorne. Perséfone havia se casado com Hades, tornando-se a Rainha dos mortos. Desde então é feito um acordo: metade do ano Perséfone é permanente ao lado de seu marido e a outra metade a filha visita e fica com a mãe Deméter. Inicia-se então um ciclo que é associado ao ciclo das estações agrícolas, a fase da permanência de Perséfone ao lado do marido no mundo infero corresponde ao, quando a filha visita a mãe no Olimpo a terra passa pela fase primavera quando ocorre a sementeira, o florescimento e a colheita dos grãos. Desde a antiguidade esse mito era visto como uma alegoria: Perséfone era o grão semeado, colocado embaixo da terra para se desenvolver e despontar durante a primavera sob a forma de novos frutos. O poema assim, seria um testemunho que mostraria a indicação dos princípios que fundamentam os mistérios e os rituais em Elêusis, como é demonstrado nesse trecho do hino homérico:

---

<sup>19</sup> Ambrosia era o alimento dos deuses, e o ato de colocar alguém no fogo significa dá-lo a imortalidade.

Depois, ela foi aos reis justiceiros e mostrou,  
A Triptólemo, a Diocles domador de cavalos,  
A Eumolpo forte e a Celego, o guia de povos,  
O cumprimento dos seus mistérios sagrados, e indicou os  
Belos ritos a Triptolemo, a Polixeno e, além deles, a Diocles,  
Ritos augustos, que não se pode violar, nem investigar,  
Nem divulgar, pois um grande temor pelas deusas detém a voz  
Feliz quem dentre os homens supraterrâneos os viu.  
Mas o não iniciado e o não participante dos mistérios  
Sagrados, jamais tem destino igual, ainda que pereça sob  
A treva bolorenta<sup>20</sup>.

Esta passagem relata o momento em que a deusa antes de voltar ao Olimpo, ensina a Triptólemo e os demais presentes, as fases do culto de mistério. Além disso, neste momento, o poeta relata a sorte de quem participa deste culto, que traz o ideal de renovação da vida, e uma esperança na vida após a morte.

Nesse sentido, entre o hino homérico e os mistérios, podemos afirmar que teria a ligação apresentada entre mito e rito. A diferença entre mito e rito se assinala primeiramente em sua definição. O mito é uma história que para as sociedades antigas era tomada como verdadeira e sagrada e narrava principalmente episódios de seres divinos, e por meio dessas histórias os modelos de comportamentos eram formados para a sociedade. Os ritos seriam a experiência vivida dos mitos, e Eliade defende que os ritos seriam uma repetição dos gestos exemplares de deuses e heróis pelos homens. Nesse sentido, os atos humanos não tem valor autônomo, pois os homens estariam buscando uma repetição dos arquétipos criados, a fim de se espelharem no mundo divino. Para as sociedades tradicionais, todos os mais importantes atos da vida eram revelados em suas origens pelos deuses ou heróis enquanto que os homens limitam-se a repetir esses gestos exemplares e paradigmáticos *ad infinitum*<sup>21</sup>. O hino como um mito, apresentaria a história divina da deusa e dos demais personagens, procurando formar no quadro mental da sociedade os modelos ideais a serem seguidos. E os mistérios de Elêusis, como um culto de iniciação que seria praticado em homenagem à deusa, é o rito, que entre os mortais simbolizaria a repetição da narrativa mítica, em busca de alcançar o modelo ideal na sociedade.

Ou seja, havia uma busca de repetição do mito, como uma forma de aproximação desses arquétipos representados na narrativa. O culto de mistérios, por ter um caráter secreto, não poderia ser revelado, ao passo que só descobria a cerimônia quem era um iniciado.

<sup>20</sup> HOMERO. *Hino Homérico à Deméter*. Tradução de Maria Lúcia Gili Massi. In: RIBEIRO JR. W. A. Hinos Homéricos: Tradução, Notas e estudos. São Paulo: EDUNESP, 2010, p.266.

<sup>21</sup> ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno: Cosmos e História*. São Paulo: Mercuryo, 1992, p. 35.

## CULTO A DEUSA DE MISTÉRIO A DEUSA ISIS E A OBRA *METAMORFOSES*

Outra divindade amplamente cultuada na antiguidade clássica foi a deusa Isis, divindade egípcia e o seu culto tem origem às margens do rio Nilo, o mito de Isis é de extrema importância para o povo egípcio, transmitido de forma oral, trata da história de quatro irmãos, Isis, Osíris, Seth e Néftis; Isis é par de Osíris e Seth par de Néftis.

Seth em decorrência de sua grande inveja mata o irmão Osíris, e o esquarteja, Isis desesperada com a morte do marido decide procurar os pedaços do marido ao redor do mundo e a cada lugar em que ela encontra uma parte de Osíris ergue um templo em sua homenagem, porém a única parte que ela não consegue encontrar é o falo, Isis, porém antes da morte do marido é fecundada e dá a luz a seu filho Hórus, que consegue recuperar o trono do pai, e Isis com ajuda de Anubis e Néftis recoloca os membros de Osíris, e graças às cerimônias operadas por Isis faz com que Osíris retorne a vida<sup>22</sup>.

No Egito antigo o culto a deusa Isis era uma cerimônia marcada por mistérios rituais, em que o fiel deveria ser iniciado, revivendo o mito e sentindo-se parte dele como aponta Ariadne Soares<sup>23</sup>:

Mistérios gloriosos, rituais coletivos realizados por sacerdotes e sacerdotisas para toda a população, em que a riqueza e o requinte transpareciam através do uso de belas máscaras, havendo ainda danças e canções ritualísticas. Os mistérios *seshta*, sagrados, eram realizados no interior do templo, principalmente à noite, sendo os iniciados envolvidos em um drama de iniciação da simbologia da morte e ressurreição com o objetivo de servir a divindade. Os mistérios significavam a procura da verdade e da salvação mediante a aproximação com o sagrado (Idem, *Ibidem*, p.101).

O culto Ísiaco no ano de 332 a. C, através da conquista do Egito por Alexandre Magno, o passa a ser difundido na cidade Alexandria, principalmente pelos navegadores que passavam por aquela cidade, a deusa egípcia era adorada como *Isis Pharia*, deusa do farol de

<sup>22</sup> FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. *O Culto da deusa Ísis entre os romanos no século II- Representações nas Metamorfoses de Apuleio*. Assis: UNESP, 2006.p.135.

<sup>23</sup> SOARES, H.P. *Os cultos de Ísis e Atargátis no Alto Império Romano: conflito religioso e formação de identidades nas Metamorphoses e De Dea Syiria*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2011.p.101.

Alexandria, que tinha como função proteger e guiar os navegantes, também era realizado nessa cidade um festival que tinha o objetivo de pedir a benção para as frotas e os navegadores<sup>24</sup>.

Por volta do século II a.C o culto de Isis se estabeleceu no território grego, a deusa em decorrência de seus vastos poderes foi associada a outras divindades como Deméter e Afrodite, outras regiões também acolheram Isis, como Delos, Corinto e Argos, a partir do momento em que a o culto a deusa egípcia entra em contato com a cultura helênica, ocorre um processo de hibridização, surgindo novas formas de representações da divindade, e será a Isis helenizada que será difundida no Império Romano<sup>25</sup>.

A difusão do culto a Isis em Roma ocorreu por volta do ano 100 a.C, e inicialmente enfrentou certa resistência por parte da sociedade romana, em decorrência do próprio corpo sacerdotal que tinha um sistema específico de autoridade e possuía uma significativa participação feminina. As mulheres desempenhavam papéis na área litúrgica do culto como também tinha parte nos rituais secretos, vale lembrar que a religião tradicional romana excluía a participação de escravos, os libertos e as mulheres da hierarquia organizacional do culto público<sup>26</sup>.

Tanto os senados como os imperadores Augusto e Tibério buscaram expulsar os cultos egípcios da região romana, porém o imperador Calígula, que era adorador da deusa Isis, provavelmente inseriu no calendário oficial as festividades isíacas e Caracala promoveu Isis à divindade oficial do império, pode-se perceber por parte desses imperadores uma atitude mais pacífica com relação aos cultos egípcios, e por todo Mediterrâneo Isis teve boa aceitação entre as várias camadas populares, o seu culto atraía principalmente as mulheres, em decorrência das características da deusa que havia sido mãe e esposa, nota-se que a difusão de Isis durante o império foi bastante forte e presente na vida dos romanos.<sup>27</sup>

Uma fonte bastante importante para o conhecimento de variados elementos do culto isíaco é a obra *Metamorfoses* que foi escrita por Apuleio, no século II d.C, esse autor nasceu por volta de 114 e 125 d.C na África do Norte, nesse período os imperadores que exerciam o poder em Roma eram Adriano( 114-138), Antonino Pio( 138-161) e Marco

<sup>24</sup> TURCAN, R. *Los cultos orientales en el mundo romano*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2001.p.84.

<sup>25</sup> LÉVÊQUE, P. *O mundo helenístico*. Lisboa: Ed. 70, 1987.p.153.

<sup>26</sup> SOARES, H.P. *Os cultos de Ísis e Atargátis no Alto Império Romano: conflito religioso e formação de identidades nas Metamorphoses e De Dea Syiria*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2011.p.101. p.153.

<sup>27</sup> Idem. p.104.

Aurélio( 161- 180). A cidade natal de Apuleio é indicada pela historiografia oficial como sendo Madaura, colônia agrária romana, que foi fundada na Numídia região localizada na África *Proconsularis*, e além de literato, Apuleio foi filósofo, sacerdote, advogado e membro da ordem senatorial romana na província de Madaura<sup>28</sup>.

A obra *Metamorfoses* narra à história de um jovem chamado Lúcio, que curioso por conhecer mais sobre as artes mágicas viaja para a região da Tessália, na Grécia, e nesse local acaba se deparando com diversos relatos de viajantes que contam já terem tido experiências desagradáveis com algumas feiticeiras, posteriormente Lúcio se instala na casa de um conhecido de seu amigo, um homem chamado Milão, que era casado com uma mulher de nome Panfilia, bastante conhecida na região por ser uma poderosa feiticeira, o protagonista se interessa cada vez mais por Panfilia, até o dia em que flagra a mesma se transformando em um pássaro, e desejoso por ter uma experiência com as práticas mágicas se utiliza de um unguento mágico que o acaba transformando-o em um asno ao invés de uma ave.

A partir do momento em que Lúcio é transformado em asno, o mesmo passa por diversas vicissitudes e situações humilhantes ao longo de sua jornada até que finalmente acaba parando em uma praia na região de Cencreia, arrependido Lúcio pede ajuda aos deuses para que lhe livrem dessa condição humilhante então a deusa Ísis aparece para ele e lhe concede a redenção, com a condição de que ele seja seu sacerdote e propagandista, finalmente ele volta a sua forma humana, é iniciado em cultos de mistérios e promete o que foi combinado se tornando assim sacerdote da deusa Ísis.

Ao observar a obra *Metamorfoses* é válido perceber que a finalização da jornada escrita por Apuleio possui um caráter de aprendizado, pois em decorrência de sua grande curiosidade o protagonista experimenta diversas situações traumáticas e perigosas, mas além do aspecto negativo da experiência de se transformar em asno e conviver com os estratos mais baixos da sociedade, Lúcio repensa em suas ações e modifica sua personalidade ao longo da história, e sua transformação é concedida, como já foi dito anteriormente, pela deusa Ísis; É válido atentar para a figura do asno dentro da mitologia egípcia, pois o asno geralmente é associado ao deus Seth, que esquartejou Osíris ,marido de Ísis e conseqüentemente é inimigo da deusa, sendo assim, pode-se especular que a figura do asno possa não ter sido por acaso e

<sup>28</sup> NETO, Belchior M. *Bandidos e elites cidadinas na África romana: um estudo sobre a formação de estigmas com base nas Metamorphoses de Apuleio de Madaura* (século II). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2011.

sim ter o sentido de ser escolhido um animal odiado pela deusa para sofrer as diversas vicissitudes enfrentadas por Lúcio<sup>29</sup> Também é importante explicitar que a transformação de Lúcio não se dá apenas no âmbito físico, ou seja a mudança de asno para homem, mas também ocorre uma regeneração espiritual através da iniciação de Lúcio nos mistérios da deusa Ísis como é exposto em *Metamorfose*<sup>30</sup>:

Ei-lo, aí está, livre das antigas atribuições, pela providência, da grande deusa Ísis, eis aí Lúcio, que triunfa alegremente da fortuna. Entretanto, para estar mais seguro e garantido, engaja-te na santa milícia; foste para prestar juramento. Consagra-te desde já às observâncias da nossa religião e submete-te voluntariamente ao julgo do nosso ministério. Quando entrares ao serviço da deusa, verás e sentirás, então, verdadeiramente, que começa a desfrutar de tua liberdade.

Nota-se pelo trecho acima que a total libertação Lúcio só se dará verdadeiramente a partir do momento em que ele travar um maior contato com a religião isíaca, e essa promessa de uma adesão ao culto da deusa Ísis, já havia sido feita desde o primeiro contato de Lúcio com a deusa<sup>31</sup>:

Mas acima de todas as coisas, lembra-te, e guarda sempre gravado no fundo do teu coração, que toda a tua carreira, até o fim da tua vida, e até o teu derradeiro suspiro, me foi penhorada [...] E se, por uma obediência escrupulosa, uma piedosa atenção em meu serviço, uma pureza perseverante, tu te tornares digno de minha proteção divina, conhecerás que só eu tenho o poder de prolongar também tua vida para além dos limites fixados por teu destino.

Ocorre uma espécie de troca entre Lúcio e a deusa Ísis, caracterizando-se como uma prática votiva e no caso de *Metamorfoses* o protagonista abdica de viver como antigamente para se tornar um propagandista da deusa Ísis.

A iniciação de Lúcio nos mistérios da deusa egípcia não se dá de forma imediata, o protagonista se aloja no templo da deusa e procura conhecer melhor os afazeres e obrigações dos sacerdotes nota-se que Apuleio sempre imprime um tom bastante respeitoso e sagrado para o ofício sacerdotal como também é importante ressaltar que Lúcio em um

<sup>29</sup> FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. *O Culto da deusa Ísis entre os romanos no século II- Representações nas Metamorfoses de Apuleio*. Assis: UNESP, 2006.p.140.

<sup>30</sup> APULEIO. *O asno de ouro*. Tradução de Ruth Guimarães. São Paulo: Editora Cultrix Ediouro, 1963,p.188.

<sup>31</sup> Idem. p.183.

momento antes de sua iniciação, passa por um período de purificação, e o sacerdote da deusa Ísis, Mitra, explica os preparativos para a participação no culto místico, o sacerdote da deusa possui o mesmo nome da divindade indo iraquiana, Mitra, que significa o “intermediário”, e ao longo da obra o sacerdote da deusa desempenha o papel de intermediar a relação de Lúcio com Ísis, além de auxiliar o protagonista em seu crescimento espiritual; As obrigações de Lúcio antes do ritual de iniciação são se banhar com água lustral e depois ser purificado através de banho com água puríssima, posteriormente é recomendado que Lúcio se abstinhasse por 10 dias de carne e vinho.

No trecho abaixo Apuleio explicita o caráter de renascimento e salvação dos cultos de mistérios<sup>32</sup>:

O próprio ato da iniciação representa uma morte voluntária e uma salvação obtida pela graça. O poder da deusa atrai para si os mortais que, chegados ao fim da existência, pisam a soleira onde se acaba a luz; devem eles, porém, saber aguardar, os augustos segredos da religião [...] era de minha obrigação abster-me de alimentos profanos e proibidos, a fim de mais seguramente obter o acesso aos mistérios da mais pura de todas as religiões.

O excerto acima expõe características importantes relacionadas aos cultos de mistério que seriam a idéia de renascimento, como também a busca de salvação através de um maior contato com determinada divindade; A iniciação de Lúcio nos mistérios a deusa Ísis não é relatada na obra *Metamorfoses*, o autor explica que os detalhes da iniciação não podem ser contados, devendo-se manter segredo sobre o ritual e se limita apenas a dizer que “Aproximei-me dos limites da morte. Pisei o portal de Prosérpina<sup>33</sup>, e voltei trazido através de todos os elementos. Em plena noite vi brilhar o sol, com uma luz que cegava. Aproximei-me dos deuses dos infernos, dos deuses do alto: vi-os face a face e os adorei de perto”<sup>34</sup>, e Sfameni Gasparo, atenta que a experiência de Lúcio foi tanto de uma perspectiva ífera, através da figura de Prosérpina, como também a nível cósmico, com a presença de elementos como sol e a noite.

Lúcio após sua iniciação é vestido com uma roupa chamada de estola olímpica, que consistia em doze roupas de consagração, e essas doze roupas poderiam representar as doze estações zodiacais percorridas pelo sol durante o ano, como também poderiam ser as

<sup>32</sup> Id.Ibid 191.

<sup>33</sup> Equivale a representação romana da divindade grega Perséfone.

<sup>34</sup> Id.Ibid.p.192.

doze zonas da noite atravessadas pelo sol durante seu percurso no assim dito “mundo inferior”<sup>35</sup> A figura do sol também está presente na representação de Osíris, pois a trajetória de morte e ressurreição do deus egípcio era comparada ao caminho percorrido pelo sol todos os dias <sup>36</sup>Pode-se pensar na associação de Lúcio, após iniciado, com o sol também através do trecho em que Apuleio coloca da seguinte maneira: “Assim, paramentado, á imagem do sol, expuseram-me como uma estátua e, quando as cortinas foram afastadas bruscamente houve um desfile de povo, desejoso de me ver ”<sup>37</sup>; e essa associação com o sol se liga a glorificação dos deuses nilóticos.

A ligação de Lúcio não se restringe apenas a uma iniciação a deusa Ísis, passado um ano o protagonista é levado a se iniciar nos mistérios do deus Osíris e depois se inicia novamente em outro culto a deusa Ísis, nota-se que o protagonista passa por um processo de transformação e são apresentados ao longo da obra, três momentos de extrema importância na vida do personagem, que seriam, o início da narração em que o Lúcio é caracterizado como um jovem leviano e curioso, depois em decorrência dessa curiosidade o mesmo se metamorfoseia em asno, sofrendo várias vicissitudes e por fim é mostrado um período de regeneração e maturidade espiritual de Lúcio, que entrega sua vida a religião isíaca.

## Considerações Finais.

Pode-se perceber ao longo desse breve artigo algumas das principais características aos cultos de mistério a deusa Deméter e Isis, e é notório que por mais que ambas deusas possuam locais de origem e de adoração bastante distintos as mesmas carregam elementos que as relacionam entre si, como é o caso, por exemplo , do contato com a morte e as vicissitudes da vida que as mesmas terão, seja Deméter em sua extrema dor por ter sido arrancada da sua filha Perséfone por Hades, ou Ísis que terá seu marido morto e mutilado por Set, elementos são importantes para que possa ser pensado na identificação que essas divindades terão para com o gênero humano e como isso se reflete em seus ritos de mistérios.

Outro elemento que podemos ressaltar seria com relação a presença feminina em

<sup>35</sup> SANZI, E. *Cultos orientais e magia no mundo helenístico-romano: modelos e perspectivas metodológicas*. Fortaleza: Ed: UECE, 2006.p.193.

<sup>36</sup> FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. *O Culto da deusa Ísis entre os romanos no século II- Representações nas Metamorfoses de Apuleio*. Assis: UNESP, 2006.p.75.

<sup>37</sup> APULEIO. *O asno de ouro*. Tradução de Ruth Guimarães. São Paulo: Editora Cultrix Ediouro, 1963, p.193.

ambos os cultos das deusas, como foi possível observar em algumas passagens do texto tanto no culto a Deméter como no culto a Isis, percebe-se uma presença bastante marcante das mulheres nos cerimoniais sagrados as divindades estudadas, como por exemplo aponta Sara Pomeroy em sua obra *Diosas, rameras, esposas e escravas*(1987), de vinte e seis indivíduos nomeados sacerdotes de Ísis em inscrições encontradas na Península Itálica, seis eram mulheres, incluindo uma de categoria senatorial e uma filha de libertos, a despeito de a religião isíaca contar com um grêmio formado apenas por homens, o *collegium* dos pastóforos.<sup>38</sup>, sendo assim é importante salientar que dada a abrangência desses cultos, os mesmos eram amplamente praticados por mulheres.

Por fim é de grande valia reafirmar a importância dos estudos da antiguidade dentro da região nordeste, que mesmo que o objeto de estudo seja de um passado bastante remoto e distante geograficamente o mesmo ainda influencia a sociedade ocidental de forma bastante profunda, e mesmo com certa escassez de fontes e materiais ainda sim é possível refletir sobre os povos da antiguidade, isso se qualifica como um desafio e não como uma inviabilidade.

---

<sup>38</sup> SOARES, H.P. *Os cultos de Ísis e Atargátis no Alto Império Romano: conflito religioso e formação de identidades nas Metamorphoses e De Dea Syiria*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2011.p.101. p.53.